

LUTEMOS POR JORNAS ALTAS

NAS CEIFAS DESTES ANO!

As ceifas no Alentejo começarão em breve. As searas estão boas de palha e de grão e haverá trabalho para os milhares de camponeses que em todo o Alentejo têm passado semanas a fio sem ganhar um dia de jorna. Como haverá trabalho com fatura, OS CAMPONESES DEVEM EXIGIR JORNAS ALTAS, DE ACÓRDO COM O GUSTO DA VIDA.

Os grandes agrários, que passaram o ano sem abrir trabalhos, deixando as terras ao abandono e que são os causadores da crise, preparam o terreno para oferecer jornas de fome nas ceifas, aproveitando-se da miséria dos camponeses. Eles dizem que a vida baixou, que as searas não pagam os gastos e por isso não podem subir as jornas. Este jogo é o mesmo do governo fascista de Salazar que com o falso argumento de que a vida baixou procura reduzir os salários, as jornas e os ordenados. Como se vê, a camarilha fascista, com a protecção do governo de Salazar, quer continuar a enriquecer à custa das classes trabalhadoras da cidade e do campo.

AOS ARGUMENTOS FASCISTAS DEVEMOS RESPONDER COM A LUTA ENERGICA E DECIDIDA, NÃO CEIFANDO SEM QUE OS AGRÁRIOS PAGUEM UMA JORNA SUFICIENTE. MAS PARA ISSO É NECESSÁRIO ESTABELEÇER DESDE JÁ A UNIDADE DOS CAMPONESES EM TODAS AS LOCALIDADES.

Sob a bandeira da UNIDADE, os camponeses alentejanos têm conquistado grandes vitórias. Os camponeses não esquecem os movimentos das ceifas de 1945 por mais jornas, mais géneros e contra o roubo das sestras, em Montemor, S. Manços, Ermidas, Portel, Reguengos, etc. Estes movimentos, começando por concentrações e protestos nas Casas do Povo, nos grêmios e junto das autoridades, acabaram em poderosas greves como a de Montemor, onde mais de 2.000 camponeses conquistaram as suas reivindicações. Os camponeses não esquecem os movimentos de 1946 em Grândola, Machado, Montoito, Évora, Estremoz, Redondo, etc., que obrigaram o governo fascista a recuar na sua tentativa de impôr as tabelas de fome das Comissões Arbitrais.

Os camponeses não esquecem as poderosas greves de 1947 em todas as regiões do Alentejo. Estas greves estenderam-se a dezenas de localidades ABARCANDO MAIS DE 100.000 CEIFEIROS, ENTRE OS QUAIS VÁRIOS RANCHOS DE FORA QUE SE UNIRAM COM OS CEIFEIROS ALENTEJANOS. Neste movimento foram arrancadas grandes vitórias aos agrários e ao governo fascista de Salazar que, em virtude da UNIDADE DOS CAMPONESES NÃO TENTOU IMPOR AS TABELAS DAS COMISSÕES ARBITRAIS E DECLAROU OFICIALMENTE AOS AGRÁRIOS QUE AS JORNAS TERIAM DE SER AJUSTADAS ENTRE OS CEIFEIROS E OS PATRÕES. Apesar do ano ser mau de cereal, os camponeses CONSEGUIRAM AUMENTOS QUE FORAM DE 25\$00 a 25\$00 POR DIA!

Estas vitórias foram possíveis porque os camponeses lutaram UNIDOS. Nas ceifas de 1947 pela primeira vez em muitas localidades do Alentejo, os camponeses conseguiram a fazer PRAÇA E ELEGERAM COMISSÕES DE PRAÇA COMPOSTAS POR HOMENS E MULHERES SÉRIOS E DA SUA CONFIANÇA. Estas Comissões de Praça estabeleceram a jorna conforme a vontade dos camponeses e orientaram a luta. OS CAMPONESES FIZERAM CONCENTRAÇÕES NAS CASAS DO POVO PARA ESTABELEÇER AS JORNAS PARA AS CEIFAS E, COMO ACONTECEU EM VILA VIÇOSA, OS GRANDES AGRÁRIOS TIVERAM DE IR ÀS ASSEMBLEIAS DA CASA DO POVO TRATAR COM OS CAMPONESES E AS SUAS COMISSÕES DE PRAÇA.

Pela primeira vez os camponeses do Sul tiveram o seu jornal, "O CAMPONEZ", onde os camponeses de todos os credos e tendências fizeram ouvir a sua voz e os seus desejos de luta contra a miséria. "O CAMPONEZ" foi o grande unificador e animador das lutas de 1947. "O CAMPONEZ" foi e continua a ser um factor de grande importância para a UNIDADE dos camponeses.

Desde as ceifas de 1947 até agora, mais de 100 lutas, grandes e pequenas, se deram em todo o Alentejo. "O CAMPONEZ" já publicou cerca de 70, não publicando mais por falta de espaço.

Todo o passado e experiência de luta, das quais citamos só as dos últimos anos, são a prova de que os camponeses alentejanos ano após ano alargam a UNIDADE de luta a novos milhares de camponeses.

Nas lutas que se aproximam é preciso não esquecer a experiência, colhida nas lutas anteriores sobre as manobras e provocações dos grandes agrários e do governo fascista de Salazar. Essas experiências mostram que os agrários fascistas procuram vencer os camponeses por meio de intrigas, boatos, crises provocadas, repressão, etc. Alguns exemplos: Um ano antes de começarem as ceifas do ano passado, os agrários fascistas da região de Évora provocaram a crise fechando todos os trabalhos. Depois, o lavrador fascista Torres, da Quinta de Vale de Mouro, apareceu em Machado a oferecer jornas de fome. Como os valentes camponeses de Machado não aceitaram tais jornas, o Torres ameaçou-os com a vinda de duas camionetas de camponeses de Viana para ceifar por qualquer preço. Os camponeses de Machado continuaram a negar-se e afinal vieram a saber que em Viana ninguém esta-

disposto a sair por menos do combinado. Noutras regiões, os lavradores fascistas espalhavam boatos: "Em tal parte já anda pessoal a tanto" ou então "tal lavrador paga a tanto". Noutras terras, os lavradores fascistas pediam socorros ao governo dizendo que os camponeses estavam em greve, que exigiam jornas fabulosas e que ameaçavam assaltar as casas dos lavradores. A estas manobras, os camponeses responderam com a UNIDADE, não se deixando enganar nem atemorizar. Nas terras onde apareceram forças da G.N.R. e da P.S.P., os camponeses e camponesas falaram com a força pública e mostraram a justeza da luta camponesa, evitando assim que as forças exercessem as represálias exigidas pelos lavradores fascistas.

Muitos lavradores foram buscar ceifeiros ao Algarve, às Beiras ou à Estremadura contratados por jornas baixas. Várias Comissões de Praça enviaram Comissões de camponeses e camponesas falar com os Ranchos de fora e alguns desses Ranchos uniram-se aos camponeses alentejanos, negando-se também a ceifar por jornas baixas. Isto sucedeu em Machede, Montoito, S. Tiago Maior, Alvalade e outras terras.

Este ano, os lavradores fascistas procurarão repetir estas e outras manobras com vistas a quebrar a UNIDADE dos camponeses na luta por boas jornas. A todas as manobras fascistas, os camponeses devem responder com a UNIDADE firme e resoluta, não se deixando enganar nem desmoralizar.

A luta pelo pão é uma luta justa que devemos levar por diante sem vacilações nem receios. A luta dos camponeses nas ceifas será mais uma luta contra o salazarismo, será mais uma luta a somar às lutas da classe trabalhadora de Portugal contra a exploração e pela conquista da Democracia.

-§-

COMBINEMOS JÁ O PREÇO DAS JORNAS E AS CONDIÇÕES DE TRABALHO PARA AS CEIFAS

Os camponeses alentejanos devem começar desde já a combinar as jornas para as ceifas. Se os lavradores fascistas virem que os camponeses estão indecisos aproveitam para tentar impôr jornas de fome nas ceifas.

"O CAMPONES" não publica o caderno de reivindicações comum para todo o Alentejo porque a experiência mostrou que as condições de luta não são as mesmas em todo o Alentejo e que isso dá origem a diferenças de preços de região para região. É preciso unificar primeiro a jorna por áreas e regiões e partiremos depois para a unificação das jornas e condições de trabalho a todo o Alentejo.

Em cada localidade, os camponeses e camponesas devem juntar-se e combinar a jorna e condições de trabalho nas ceifas. Em cada localidade os camponeses devem ter a sua Praça de Jornas e a sua Comissão de Praça.

Nas localidades onde haja Casa do Povo é lá que se devem fazer as assembleias para combinar os preços e falar de tudo o que fôr necessário. Ninguém poderá impedir que os camponeses se reúnam na sua Casa para resolver os seus assuntos.

Nas localidades onde não houver Casa do Povo é na Praça que os camponeses e as camponesas devem juntar-se. A luta pela boa jorna é legal e justa e ninguém tem o direito de a impedir.

Os camponeses e as Comissões de Praça das terras perto umas das outras devem chegar a acôrdo para que nessa área ou região as jornas sejam iguais e para lutarem firmes e unidos até à conquista das suas reivindicações.

Em cada localidade, os camponeses, camponesas e as suas Comissões devem exigir jornas altas para as ceifas. Os preços das jornas devem ser feitos de acôrdo com as nossas necessidades. Quando fizerem os preços, os camponeses devem lembrar-se de que têm de ganhar para pagar as dívidas e comerem melhor para aguentarem esse trabalho, tão pesado.

"O CAMPONES" publicará o preço das jornas de todas as regiões para que os preços de umas frutifiquem nas outras e para que a UNIDADE se alargue.

Não devemos aceitar o trabalho de empreitada, porque é uma grande exploração. Mas se alguns o aceitarem, devem exigí-lo bem pago. Os lavradores dão o trabalho de empreitada não para acabar mais cedo mas para roubar os camponeses. Os Ranchos de empreitada devem puxar os preços para pagar o esforço de trabalho.

-§-

O SUBSÍDIO DE CULTURA DEVE SER PARA OS QUE TRABALHAM A TERRA

Os grandes agrários fascistas não exploram só os trabalhadores rurais. Os seareiros, os rendeiros e os pequenos proprietários também são vítimas da sua exploração, ou directamente ou por intermédio dos grémios. A exploração é tal que a maioria está arruinada ou à beira da ruína. Para pôr termo a esta situação é preciso lutar desde já formando a UNIDADE na luta pelas nossas aspirações mais sentidas.

Uma delas é o SUBSÍDIO DE CULTURA. O decreto que dá o subsídio diz que é para os que trabalham a terra. Quem a trabalha é toda essa canalha que vive nos palácios e que nunca pegou num arado? Não, e por isso não têm o direito de o receber. Quem tem esse direito são os que trabalham a terra. Mas para o conseguir é preciso lutar exigindo o pagamento das rendas em dinheiro e que a Federação pague o subsídio aos que a têm direito.

Formai Comissões em todas as localidades e dirigi-vos ao ministro da Economia e à Federação exigindo o subsídio.